

LÍLIAN JAQUELINE DE OLIVEIRA SOUZA RIBEIRO



A FILOSOFIA ARISTOTELICA

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia

5 - 30749

Tombo nº	10233
Classif.:	.....
Ex.:	1
	.....
	.....
Origem:	d
Data:	2-06-05

RUBIATABA, NOVEMBRO/2001

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me incentivaram no caminho do conhecimento, e principalmente pelo carinho com que me possibilitaram este sonho.

Ágradeço a Deus por Ter concluído este curso, e a todos os meus familiares pelo apoio durante esta longa jornada.

## SUMÁRIO

Introdução	06
Vida de Aristóteles	07
Os Escritos Aristotélicos	11
As Relações entre Platão e Aristóteles	14
Ética a Nicômaco	15
A Influência da Filosofia Aristotélica	22
O Acolhimento do Aristotelismo	23
A Atitude da Igreja Perante Aristóteles	25
Cronologia	28
Conclusão	29
Bibliografia	30

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a filosofia aristotélica e sua influência no pensamento filosófico através dos anos.

Primeiramente foi traçado um perfil histórico do pensador grego Aristóteles, seu modo de vida e suas principais idéias, posteriormente são descritos seus principais escritos, as relações entre Platão e Aristóteles.

Em seguida são tecidos comentários sobre a principal obra de Aristóteles: A Ética a Nicomaco. São descritos também como a filosofia aristotélica influenciou alguns pensadores, como foi acolhida e como a igreja agiu em relação a Aristóteles da proibição até ao reconhecimento.

Por fim foi traçado um perfil cronológico em relação a Aristóteles e sua época.

## VIDA DE ARISTÓTELES

Atenas, 367 ou 366 a.C. Ao grande centro intelectual e artístico da Grécia no século IV a.C. chega um jovem, nascido em 384/383 a.C., filho de Nicômaco, um médico corajoso tendo servido ao Rei Amintas, da Macedônia (pai de Filipe da Macedônia), nasceu em Estagira, colônia grega da Trácia, no litoral setentrional<sup>1</sup> do mar Egeu. Assim deve-se presumir que, durante certo período de tempo, o jovem Aristóteles, com sua família, tenha morado em Pela, sede do reinado de Amintas, e que possa ter inclusive freqüentado a corte. O que sabemos com certeza é que aproximadamente em 366/365 a.C., aos dezoito anos, já há alguns anos havia ficado órfão, e como muitos outros de sua idade, vem atraído pela intensa vida cultural da cidade que lhe acenava com oportunidades para prosseguir seus estudos. Não era belo e para os padrões vigentes no mundo grego principalmente na Atenas daquele tempo, apresentava características que poderiam dificultar-lhe a carreira e a projeção social. Em particular, uma certa dificuldade em pronunciar corretamente as palavras deveria criar-lhe embaraços e mesmo complexos numa sociedade que, além de valorizar a beleza física e enaltecer os atletas, admirava a eloqüência e deixava-se conduzir por oradores.

Naquela época, duas grandes instituições educacionais disputavam em Atenas a preferência dos jovens que, através de estudos superiores, pretendiam se preparar para exercer com êxito suas prerrogativas de cidadãos e ascender na vida pública. De um lado, Isócrates, seguindo a trilha dos sofistas, propunha-se a desenvolver no educando a aretê política, ou seja, a "virtude" ou capacitação para lidar com os assuntos relativos à Pólis, transmitindo-lhe a arte de "emitir opiniões prováveis sobre coisas úteis". E, de fato, numa democracia como a ateniense, cujos destinos dependiam em grande parte da atuação de oradores, a arte de persuasão

por meio da palavra manipulada com o brilho e a eficácia dos recursos retóricos era fator imprescindível para o desempenho de um papel relevante na cidade-estado. Ao contrário de Isócrates, Platão ensinava que a base para a ação política, como aliás para qualquer ação, deveria ser a investigação científica, de índole matemática. Na academia, que fundara em 387 a.C., mostrava a seus discípulos que a atividade humana, desde que pretendesse ser correta e responsável, não poderia ser notada por valores instáveis, formulados segundo o relativismo e a diversidade das opiniões; requeria uma ciência ( episteme) dos fundamentos da realidade na qual aquela ação está inserida. Por trás do inseguro universo das palavras, sujeitas a arte encantatória e à prestidigitação dos retóricos, o educando deveria ser levado, por via do socrático exame do significado das palavras, à contemplação, no ápice da ascensão dialética, das essências estáveis e perenes: núcleos de significação dos vocábulos por que razão de ser das próprias coisas, padrões para a conduta humana por que modelos de todos os existentes do mundo físico. Para além do plano da palavra-convenção ( nomos ) dos sofistas e de Isócrates, Platão apontava um ideal de linguagem construída em função das idéias, essas justas medidas de significação e de realidade.

Diante dos dois caminhos, o de Isócrates e o de Platão, o jovem chega a Macedônia não hesita em ingressar na Academia, embora a advertência da inscrição de que ali não devesse entrar “quem não soubesse geometria”. Mas em 367 a.C. Platão não se encontrava em Atenas. Havia morrido Dionísio I, tirano de Siracusa, e Platão para lá se dirigia, pela segunda vez, a chamado de seu amigo Dion. O novo tirano Dionísio II, talvez pudesse ser convidado a adotar uma linha política mais justa e condizente com os interesses gerais do mundo helênico.

O jovem que viera da Macedônia ingressa, assim numa Academia na qual a figura principal era, no momento, o Eudoxo de Cnido, matemático e astrônomo que defendia uma ética baseada na noção de prazer. Somente cerca de um ano depois é que Platão retorna, fadigado por mais uma experiência política na Sicília. E talvez tenha sido o próprio Eudoxo que lhe apresentou o novo aluno da Academia, o jovem da Macedônia de olhos pequenos porém reveladores de excepcional vivacidade, Aristóteles de Estagira. Foi precisamente nela que Aristóteles

---

<sup>1</sup> Relativo ao norte, que habita do lado do norte.

amadureceu e consolidou sua própria vocação filosófica de modo definitivo, tanto que permaneceu na Academia por vinte bons anos, onde assimilou os princípios platônicos em sua substância, defendendo-os em alguns escritos e, ao mesmo tempo, submetendo-os a prementes críticas, tentando encaminhá-los para novas direções. Com a morte de Platão (347 a.C.), quando já estava se encaminhando para “o meio do caminho de nossa vida”, Aristóteles não se sentiu em condições de permanecer na Academia, porque a direção da escola havia sido tomada por Eupêsipto (que liderava a corrente mais distante das convicções que Aristóteles havia amadurecido). É possível que a escolha de Espeusipo, sobrinho de Platão, para substituir o mestre na direção da Academia, tenha decepcionado Aristóteles; sua destacada atuação naqueles vinte anos aparecia apontá-lo como o mais apto a assumir a chefia. Sendo assim foi embora de Atenas, viajando para Assos, na Ásia Menor. Desse modo abriu-se uma fase importantíssima na vida de Aristóteles. Junto com um célebre companheiro de Academia, Xenócrates, estabeleceu-se primeiro em Axo (que se encontra na costa de Trôade), onde fundou uma escola com os platônicos Erasto e Corisco, originários da cidade de Scepsis, que haviam se tornado conselheiros de Hérmiás, antigo escravo e ex-integrante da Academia, hábil político, senhor de Atarneu e Axo, havia se tornado o governante. Três anos depois que Aristóteles havia se transferido para Assos, Hérmiás foi assassinado. Deixou a cidade então, e foi para Mitilene (na ilha de Lesbos), provavelmente impelido por Teofrasto que havia nascido em uma localidade dessa ilha e estava destinado, mais tarde, a tornar-se sucessor do próprio Aristóteles. Levou em sua companhia Pítias, sobrinha do tirano morto, e que se tornou sua primeira esposa. Mais tarde, morrendo Pítias, desposará Herpilis, que lhe dará um filho, Nicômaco. Tanto a fase do seu magistério em Axo quanto a fase de Mitilene são fundamentais, é provável que, em Axo, o Estagirita tenha ministrado cursos sobre as disciplinas mais propriamente filosóficas e que em Mitilene, ao contrário, tenha realizado pesquisas de ciências naturais, inaugurando e consolidando sua preciosa colaboração com Teofrasto, que teria papel tão grande nos destinos do peripatetismo.

Em 343 foi convidado pelo Rei Filipe para a corte de Macedônia, como preceptor do príncipe Alexandre Magno, então jovem de treze anos. Infelizmente sabemos pouquíssimo sobre as relações que estabeleceram entre as duas excepcionais personagens, “um dos maiores filósofos e um dos maiores políticos de todos os

tempos”, que o destino quis ligar. Durante anos o filósofo encarrega-se dessa missão. É ainda preceptor de Alexandre quando, em 338 a.C., os macedônios derrotam os gregos em Queroneia. Chega ao fim a autonomia das cidades-Estados que caracterizara a Grécia do período helênico. A partir de então dominada pela Macedônia, mais tarde por Roma, a Grécia integrará amplos organismos políticos que diluirão suas fronteiras e atenuarão as distinções culturais que tradicionalmente separavam os gregos de outros povos, sobretudo dos “bárbaros” orientais. Em 336 a.C., Filipe foi assassinado e Alexandre sobe ao trono. Logo em seguida prepara uma expedição ao Oriente, iniciando a construção de seu grande império. Nada mais justificava a presença de Aristóteles na corte de Pela. É momento de voltar a Atenas. De volta a Atenas, em 335, treze anos depois da morte de Platão, Aristóteles fundava, perto do templo dedicado a Apolo Lício, de onde provém o nome de “Liceu” dado a escola, também chamada peripatética devido ao costume de dar lições, em amena palestra, passando nos umbrosos caminhos do ginásio de Apolo. Assim os perípatos se contrapôs a academia platônica, inclusive eclipsando-a inteiramente por um certo período de tempo. Foram esses os anos mais fecundos na produção de Aristóteles.

Morto Alexandre em 323a.C., desfez-se politicamente o seu grande império e despertaram-se em Atenas os desejos de independência, estourando uma reação nacional, Chefiada por Demóstenes, Aristóteles, malvisto pelos atenienses, foi acusado de Ateísmo. Preveniu ele a condenação, retirando-se voluntariamente para Eubéia, onde possuía um quintal herdado da mãe, tendo deixado a direção do Liceu a Teofrasto, seu continuado. Na Eubéia, Aristóteles faleceu, após enfermidade, no ano seguinte, no verão de 322a.C. Tinha pouco mais de 60 anos de idade.

## OS ESCRITOS DE ARISTÓTELES

A atividade literária de Aristóteles foi vasta e intensa, como a sua cultura e o seu gênio universal. Os escritos de Aristóteles dividem-se em dois grandes grupos, os *esotéricos*<sup>2</sup> sob forma dialógica destinado ao grande público e as obras chamadas de *acroamáticas* que constituíam a atividade didática de Aristóteles, destinados a um auditório de discípulos. Escreveu sobre todas as ciências, constituindo algumas desde os primeiros fundamentos, organizando outras em corpo coerente de doutrina e sobre todas espalhando as luzes de sua admirável inteligência. Não lhe faltou nenhum dos dotes e requisitos que constituem o verdadeiro filósofo: profundidade e firmeza de inteligência, agudeza de penetração, vigor de raciocínio, poder admirável de síntese, faculdade de criação e invenção aliados a uma vasta erudição<sup>3</sup> histórica e universidade de conhecimentos científicos. O grande estagirita explorou o mundo do pensamento em todas as suas direções. Pelo elenco dos principais escritos que dele ainda nos restam, poder-se-á avaliar a sua prodigiosa atividade literária.

A primeira edição completa das obras de Aristóteles é a de Andronico de Rodes – pela metade do último século a.C., substancialmente autêntica, salvo uns apócrifos e umas interpolações. Aqui classificamos as obras doutrinárias de Aristóteles de modo seguinte, tendo presente a edição de Andronico de Rodes.

I – Escritos exotéricos:

*Grilo ou sobre a Retórica*, no qual Aristóteles defendia a posição Platônica contra Isócrates;

*Protrético e sobre a filosofia*;

---

<sup>2</sup> É o mesmo que esotérico, é encontrado nos escritos gregos para indicar doutrinas ou ensinamentos.

Acerca das idéias e do bem;

Eudemos ou sobre a alma;

II – Escritos Acroamático:

O *corpus Aristotelicum*, abre-se com o Organom, mais tarde, foi designado o conjunto dos tratados de lógica, que são: Categorias, De interpretatione, Analíticos primeiros e segundos, tópicos e Refutações sofísticas.

III- Obras de Filosofia Natural: “a física<sup>4</sup>, o céu”.

A geração e a corrupção e a meteorologia.

IV- Escritos metafísicos: a Metafísica famosa, em catorze livros. É uma compilação feita depois da morte de Aristóteles mediante seus apontamentos manuscritos, referentes à metafísica geral e à teologia. O nome de metafísica é devido ao lugar que ela ocupa na coleção de Andronico, que a colocou depois da física.

V- Obras da Psicologia:

Tratado sobre a alma;

Parva Naturalia.

VI- Tratados de filosofia moral e política

Ética a Nicômaco, em dez livros provavelmente publicada por Nicômaco, seu filho ao qual é dedicada;

A ética a Eudêmio, inacabada, refazimento da ética de Aristóteles devido a Eudemo; “Já a grande Moral( Magna Moralia) seria um resumo da mesma ética, feita em época posterior”.<sup>5</sup>

A grande ética, compêndio das duas precedentes, em especial da Segunda;

A política, em oito livros incompleta;

A poética, em dois livros

A retórica, em três livros

---

<sup>3</sup> Qualidade de erudito, instrução vasta e variada.

<sup>4</sup> Escritos, abrangendo a hodierna cosmologia e a antropologia, e pertencentes à filosofia teórica, juntamente com a metafísica.

Tanto a poética, como a retórica, no seu estado natural são apenas parte da obra de Aristóteles.

VII- Ciências Naturais

História dos animais;

As partes dos animais;

O movimento dos animais;

A geração dos animais.

As obras de Aristóteles, e as doutrinas que nos restam, manifestam um grande rigor científico, sem enfeites míticos ou poéticos, exposição e expressão breve e aguda, clara e ordenada, perfeição maravilhosa da terminologia filosófica, de que foi ele o criador.

---

<sup>5</sup> Veja Aristóteles, Os pensadores, pág. 10.

## AS RELAÇÕES ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES

A respeito do caráter de Aristóteles, inteiramente recolhido na elaboração crítica do seu sistema filosófico, sem se deixar distrair por motivos práticos ou sentimentais, temos naturalmente muito menos a revelar do que em torno do caráter de Platão, em que, ao contrário, os motivos políticos, éticos, estéticos e místicos tiveram grande influência. Do diferente caráter dos dois filósofos, dependem também as vicissitudes exteriores das duas vidas, mais uniforme e linear a de Aristóteles, variada e romanesca a de Platão. Aristóteles foi essencialmente um homem de cultura, de estudo, de pesquisas, de pensamento, que se foi isolando da vida prática, social e política, para se dedicar à investigação científica. Mas Diógenes Laércio, ainda na Antigüidade, já escrevia: "Aristóteles foi o mais genuíno dos discípulos de Platão." Uma avaliação exata, se entendermos no seu justo sentido "discípulo genuíno de um grande mestre, não é certamente aquele que fica repetindo o mestre, mas sim aquele que partindo das teorias do mestre, procura superá-las, indo além do que o mestre. Uma das diferenças de Platão em relação a Aristóteles, é que Platão se interessava pelas ciências matemáticas, e Aristóteles pelas ciências empíricas. Então a mobilíssima espiral Platônica, que se estendia a envolver e conjugar sempre todos os problemas, deveria suceder uma sistematização estável e fixada de uma vez por todas nos quadros da problemática do saber filosófico, e seria justamente esses quadros que assimilariam os caminhos pelos quais andaria toda a posterior problemática do saber filosófico: metafísica, física, psicologia, ética, política, estética e lógica. As diferenças entre os dois filósofos não estão no domínio da filosofia, mas sim na esfera de outros interesses.

### ÉTICA A NICÔMACO

O filósofo grego Aristóteles concebeu a obra “Ética a Nicômaco” como o próprio título demonstra é uma espécie de conjunto de idéias e conselhos de Aristóteles ao seu filho Nicômaco, o livro dividido em 10 partes é todo um apanhado sobre como viver e conseguir o bem supremo do homem, a felicidade<sup>6</sup>.

No Livro I da Ética a Nicômaco, o filósofo descreve a necessidade do homem de alcançar algo de bom, seja qual for a atividade desenvolvida a finalidade é por essência algo bom, mesmo que seja arte ou ciência, a idéia de bem ou de bondade é o que move a ação humana. É importante destacar que para o pensador grego a essência humana era sempre boa e os idéias eram sempre puros. Para ele a maioria dos homens de sua época descrevia a felicidade como bem supremo e consideram que a ser feliz é simplesmente viver bem consigo e com os outros.

Aristóteles relaciona a ciência política com as outras ciências no sentido de que a política determina a utilização ou não de outras ciências, sendo que para discutir qualquer assunto, principalmente a política é necessário primeiro que se conheça o que se discute. Por isso faz-se tão necessário a experiência em toda a espécie de conhecimento científico ou não. Segundo ele, a experiência traz o agir pela razão e não pela emoção. É prudente também observar a evidência dos fatos e das coisas de duas maneiras, pois, as evidências podem ser relativas a nossa pessoa, ou a são evidentes para todos, sendo que devemos sempre iniciar pelo que nos é evidente pessoalmente, ou seja o que primeiro nos parece evidente.

Para o Aristóteles existiam três tipos de vida, a vida agradável, a vida política e a vida contemplativa, sendo que na vida política os homens estão sempre procurando honrarias que dependem muito mais de quem as oferece e pode tira-las

do que daqueles que a recebem e assim podem ser destituídos por simples vontade que quem a concedeu. Para ele independente de qualquer coisa a excelência ou virtude é muito melhor, pois é algo que se tem e não pode ser tirada, pois é algo próprio de quem tem, visto que não é concedida e assim não pode ser tirada.

O filósofo segundo o autor grego deve em busca da verdade sacrificar até mesmos as relações pessoais mais estreitas, no entanto a grande questão filosófica de Aristóteles é “Como chegar a verdade do bem supremo?”. Esta busca passa por valores particulares a cada pessoa ou a cada ciência para tentar chegar a um bem final, ou seja o bem como finalidade e não como meio. E havendo um bem final, será aquele que todos procuram e se houver apenas um bem final este será o que o homem busca e almeja.

Faz-se necessário portanto a definição da função própria do homem, que é constituída de uma atividade ou de ações da alma que pressupõem o uso da razão. E a função própria do homem bom, a bondade em todas as suas ações e em qualquer atividade que venha a exercer. Sendo que a felicidade é o melhor, mais belo e mais agradável dos bens, sendo que toda ação humana visa em seu fim o sentimento de bem estar ou seja a felicidade, e que o homem somente será completo quando conseguir alcançar a felicidade plena, independente de como a entende, entretanto a felicidade reside na alma humana, por ser uma atividade inerente a alma e não a razão.

O que causa a felicidade humana segundo Aristóteles, são os grandes e freqüentes sucessos que o homem realiza no decorrer de sua vida. O homem feliz nunca se tornará desgraçado, segundo o filósofo se uma coisa é louvada por ter uma certa qualidade e relacionar-se de certo modo com alguma coisa, louvaremos sempre as pessoas justas e corajosas, descreve ainda que a felicidade é uma atividade inerente a alma.

Para Aristóteles existem duas espécies de excelência, a intelectual e a moral. A intelectual deve a maior parte de seu crescimento a instrução, enquanto a moral

---

<sup>6</sup> Qualidade ou estado de feliz, satisfação, bom estado.

se desenvolve através do hábito, pois como todas as faculdades que nos vêm por natureza recebemos primeiro a potencialidade e após exibimos a atividade.

Para ele o ser era essencialmente bom, e os legisladores deveriam elaborar leis que considerassem isto para conservar e formar bons cidadãos, reforçando assim suas idéias sobre a prática do bem como meio de se alcançar a felicidade. A prática do bem ou de ações boas e destemidas formam nossa vontade para enfrentar desafios cada vez mais difíceis. A excelência moral tende a fazer o que é melhor em relação ao prazer e ao sofrimento, e a deficiência moral age de maneira inversa.

Segundo o autor, a moral e a deficiência de moral estão relacionadas as mesmas situações, pois existem nesses casos três objetos de escolha, o nobilitante, o vantajoso e o agradável; e três de recusa, o ignóbil, o nocivo e o penoso; sendo que diante de tais escolhas as pessoas boas tendem a acertar e as más tendem a errar.

O homem prudente deve agir primeiro coincidentemente, em segundo deve agir declaradamente, e deve deliberar em função dos próprios atos, e por último deve ter sua ação alicerçada de uma disposição moral firme e imutável. Portanto as ações são chamadas justas e moderadas quando o homem justo e moderado praticaria, mas quando o agente não é justo e moderado apenas por praticá-la.

A alma se manifesta por três espécies de excelência moral, emoções, faculdades e disposições. Entretanto a excelência ou deficiência moral não são emoções, pois as emoções nos movem, mas a nossa escolha moral não é emoção. Também não são faculdades, pois possuímos faculdades por natureza e não somos bons ou maus por natureza. Sendo que não são nem emoções e nem faculdades, somente poderiam ser disposições.

A excelência moral se relaciona com as emoções e ações, podendo haver excessos, faltas ou meios-termos. Sendo que a excelência moral prefere o meio-termo, de maneira a relacionar o que é melhor e conforme ao bem ela é extremo. O meio-termo é a moderação e o excesso é a corrupiscência. Em relação à honra e

desonra, o meio-termo é a magnanimidade, o excesso é chamado de pretensão, e a falta é a pusilidade, e a liberalidade é a magnificência. Conseqüentemente, cada pessoa nas situações extremas empurra a pessoa na situação intermediária contra a outra, e o homem corajoso é chamado de temerário pelo covarde, e de covarde pelo temerário, e da mesma forma nos outros casos.

Geralmente chamamos contrárias ao meio-termo as coisas para as quais nos sentimos mais inclinados; logo, a concupiscência, que é um excesso, é mais contrária à moderação. Pois é escolhendo o menor dos males que corremos menos riscos de sermos maus. Pois agindo assim seremos mais capazes de se atingir o meio-termo.

Como já foi dito anteriormente, a excelência moral se relaciona com as emoções e ações voluntárias são louvadas ou censuradas, enquanto as involuntárias são perdoadas, e as vezes inspiram piedade. Entretanto agir na ignorância é diferente do que agir por ignorância, pois uma pessoa encolerizada ou embriagada age na ignorância e não por ignorância.

Aqueles que identificam a escolha com o desejo, ou com a paixão ou a aspiração, ou uma espécie de opinião, não parecem estar falando acertadamente, pois a escolha não é partilhada também pelos seres irracionais, mas a paixão e o desejo são. E se alguma pessoa escolhe tais coisas, mas somente as coisas que ela pensa poder conseguir com esforço próprio.

É Provável que ninguém realmente identifique a escolha com opinião geral. A investigação às vezes é sobre os instrumentos e às vezes sobre seu uso, sempre procuramos investigar os meios e dificilmente os fins. A concupiscência é mais voluntária que a covardia, pois as pessoas concupiscentes são como crianças mimadas.

Sobre a liberalidade Aristóteles discorre que uma pessoa liberal são louváveis por serem úteis e são úteis porque doam. E geralmente porque doam às pessoas certas, seria o ideal do meio-termo. Efetivamente o autor diz que é liberal aquele que

gasta de acordo com suas posses e com objetivos certos, quer se trate de grandes ou pequenas importâncias, já quem se excede é pródigo. E contudo a maioria das pessoas pródigas obtém recursos de fontes errada, enquanto que as pessoas liberais tanto aplicam em investimentos seguros, quanto obtém seus recursos de fontes seguras.

Já a pessoa magnificente é como um artista que gasta grandes quantias com bom gosto, de preferência com objetos duradouros. Ao que parece para Aristóteles a magnanidade é uma espécie de coroamento de todas as formas de excelência moral.

A amabilidade é a observância do meio-termo em relação à cólera, como falta um nome específico para o estado intermediário, e os extremos praticamente também não têm nome, colocamos a amabilidade no meio-termo.

A justiça é complexa, pode ser classificada como legal, ou moral, o que é legal segundo a legislação pode não ser de todo correto. Os termos “justiça” e “injustiça” são termos ambíguos pois sua natureza é inversa.

A justiça é a forma perfeita de excelência moral, pois é a suma prática da excelência moral, sendo considerada o “bem dos outros”, pois a justiça é sempre praticada em relação aos outros. Por isso que se diz que o melhor dos homens é aquele que põe a sua justiça em prol de um outro. Enquanto as injustiças são causadas pela deficiência moral dos indivíduos.

A justiça do pai com o filho, do senhor com o escravo, são diferentes da justiça política, pois a justiça pode manifestar-se com maior ou menor intensidade, dependendo do caso. Sendo que tanto a justiça como a injustiça podem ser intencionais ou não.

O filósofo alerta sobre as três disposições morais a serem evitadas: a deficiência moral, a incontinência e a bestialidade. A deficiência deve ser evitada porque deve-se cultivar a excelência moral, a incontinência deve ser evitada, pois

dever ser a toda prova reprovável diante da continência e da resistência, já a bestialidade deve ser evitada, pois segundo Aristóteles bestial são somente os deuses, que estão acima da excelência moral, e por isso o homem jamais poderá ser bestial.

O conhecimento pode ou não ser compatível com o conhecimento, dependendo do tipo de conhecimento que deseja ser compatível. Tudo depende das premissas utilizadas nas indagações. Segundo Aristóteles a incontinência não chega a ser uma deficiência moral, pois a incontinência é contrária a escolha. Ainda podemos afirmar que uma pessoa que permaneça firme em relação à razão ou a escolha de qualquer espécie, é incontinente se buscar por acidente uma determinada resposta. Como a mesma pessoa não é dotada de discernimento e incontinência ao mesmo tempo.

Segundo a maioria dos homens o prazer é um bem supremo, pois é o ápice de uma conquista, entretanto para Aristóteles o prazer não é um bem supremo pelo fato de que o prazer não é uma finalidade e sim um processo contínuo. Entretanto o prazer é algo bom, pois contrapõe a frustração e ao desamparo.

Para Aristóteles as relações de amizade além de serem uma excelência moral, ainda são de suma importância para a vida em sociedade. Para ele a amizade é uma maneira autêntica de justiça, e contrariando Heráclito, que dizia que os opostos andam juntos, Aristóteles descreve que a amizade é mobilizante, e desafiadora.

Segundo o autor, a amizade pode ser baseada em três fatores. Os amigos ligados por interesse não amam um ao outro e só estão juntos por causa de interesse em tirar proveito um dos outros, a amizade ligada por raciocínios semelhantes são comuns aos idosos e se amam por causa do prazer que sentem juntos, e a amizade por prazer principalmente dos jovens que são movidos por emoções amorosas e outras mais. Contudo toda amizade é alicerçada no bem e no prazer que a mesma proporciona, sendo que a amizade em que as duas partes

recebem a mesma coisa com semelhante correspondência tendem a ser mais duradouras.

A amizade que existe superioridade das de uma das partes, como por exemplo o filho com o pai. Entretanto se o filho for moralmente deficiente, poderá vir a deixar de prestar serviços aos pais.

Em todos os tipos de amizade existem os princípios da proporcionalidade, em que sempre um pode dar mais do receber dependendo do tipo de relação existente. E mesmo diante de uma figura tão marcante quanto os pais, não devemos jamais ceder tudo a uma só pessoa, pois devemos ser prudentes.

Quando uma amizade é somente por interesse é bem mais fácil desfazer esta amizade, no entanto aqueles que já estavam presos a nós e com intenção de nos amar como acreditavam ser amados. Isto fica mais difícil por se tratar de laços mais arraigados e está amizade já depende de questões de caráter e não mais por simples interesses ou prazer.

Os laços de amizade são definidos por nosso próprio sentimento por nós mesmos, no entanto este sentido de auto-estima a que aludimos é comum a maioria das pessoas.

Aristóteles concluí que a felicidade não consiste em passatempos e entretenimentos, e sim em atividades conforme a excelência, já que a felicidade é contemplativa.

A vida sobre os aspectos de qualquer espécie de excelência moral é feliz somente de um modo secundário, porque as atividades são totalmente humanas. Aristóteles concluí sua obra ressaltando o que revisou de cada filósofo e a importância de se continuar os estudos para o encaminhamento a questões mais aprofundadas.

### **A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA**

Já se disse que a alta Escolástica e sua riquíssima vida cultural são um produto da renascença aristotélica. Sem razão, porém. A alta Escolástica é algo mais que um aristotelismo cristianizado. Além de Aristóteles, sofreu o influxo da filosofia árabe, e não por último, da tradição patrística em geral. Entretanto, é inegável que o florescimento da filosofia cristã no século XIII deu-se sob a influência essencial do pensamento aristotélico.

### O ACOLHIMENTO DO ARISTOTELISMO

Foram bastante multiformes as vias de acesso de Aristóteles ao Ocidente latino. Primeiramente, havia uma tradição – embora fraca – provinda diretamente da Antigüidade, e mais em particular, de Boécio. Em maior escala, as idéias e os escritos aristotélicos tiveram entrada através das traduções de obras árabes. E, finalmente, no decurso dos séculos XII e XIII fizeram-se numerosas versões latinas sobre os próprios originais gregos. As investigações mais recentes mostraram que a importância das traduções do árabe tem sido exagerada. O ocidente hauriu, em plena extensão, os seus conhecimentos sobre Aristóteles de traduções diretas do grego, embora eivadas, a princípio, de palmares defeitos e imperfeições. Birkenmayer demonstrou que Aristóteles influenciou, primeiramente, a medicina medieval; só depois disso conseguiu impor-se nos meios filosóficos e teológicos, os quais só a partir de 1230 começam a familiarizar-se progressivamente com os escritos aristotélicos.

Em Paris as primeiras traduções de Aristóteles e dos comentadores árabes aparecem pouco depois de 1200. A invasão deste acervo de novas idéias não ficou desconhecido aos grandes mestres parisienses daqueles dias. Todavia, nem Guilherme de Auxerre ( m. 1237), nem Felipe de Greve ( m. 1236) parecem haver assimilado este enorme cabedal científico. Guilherme de Auvergne ( m. 1249) não tardou a reconhecer a superioridade da física aristotélica para a aplicação do mundo sublunar; conhece e admira a obra de Avicbron, critica diversas doutrinas de Avicena, de Averróis e outros filósofos árabes; no íntimo, porém, também ele permanece distante do Aristotelismo. Embora incorporasse alguns conceitos aristotélicos em sua teoria do conhecimento, conservou decididamente fiel à tradição

agostiniana. Por outro lado, as doutrinas do Estagirita vão ganhando terreno e exigem uma tomada de posição.

Pelos meados do século XIII a vitória de Aristóteles é já um fato consumado. Simultaneamente sentiu-se a necessidade de uma tradução mais fiel e mais exata. Entre os tradutores que então surgiram, cabe um lugar de honra ao dominicano Guilherme de Moerbeke ( 1215-1286), o " braço direito " de S. Tomás de Aquino.

## A ATITUDE DA IGREJA PERANTE ARISTÓTELES

Inicialmente a igreja proibiu os escritos Aristotélicos, pois historicamente considerada, a atitude da igreja assume uma relevância capital. Em sua sábiasolicitude pela pureza doutrinária e disciplina, ela começou por vedar os escritos aristotélicos, a fim de ganhar tempo. Já em 1210 o concílio provincial de Paris, sob a presidência de Pedro de Corbeil, arcebispo de Sens, interdizia sob pena de excomunhão a leitura pública ou privada das obras de Aristóteles sobre a filosofia da natureza, bem como dos respectivos comentários. Nos Estatutos da Universidade de Paris, aprovados por Roberto de Courçon (1215), permitia-se o estudo – já tradicional – do Organon. Continua vigorando, porém, a proibição da Metafísica, bem como de todos os livros da Física e das ciências naturais, inclusive de extratos destas obras. Simultaneamente decretou-se a proibição das doutrinas de David de Dinant, de Amalrico de Bène e de um certo Maurício de Espanha (Averróis?).

Posteriormente houve uma consolidação do Aristotelismo, que embora proibido em Paris, o estudo de Aristóteles não sofreu restrições nas escolas de Tolosa e de Oxford. Os professores destas cidades não hesitaram em fazer uso desta liberdade, o que contribuiu enormemente para a consolidação da tradição Aristotélica. Aliás, um certo número de doutrinas do grande pensador grego já eram geralmente conhecidas. Bastava comparar estas doutrinas – por exemplo, a teoria da abstração – com algumas outras, falsamente atribuídas a ele – p. ex., a do panteísmo – para criar uma benévola em face do seu sistema. Ademais, a física aristotélica, mesmo em sua forma parcialmente desfigurada pelo neoplatonismo, fornecia certos conceitos e princípios que pareciam perfeitamente adequados à interpretação dos fenômenos da natureza. Diante disso, é fácil compreender que a sua proscrição fosse acolhida com certa relutância, sobretudo por tratar-se da única

física sistemática então conhecida. E a inclusão destes conceitos básicos em muitos tratados científicos, astronômicos e médios tornava indispensável e inevitável a divulgação das obras fundamentais do Estagirita, sob pena de aqueles tratados permanecerem totalmente incompreensíveis. E, finalmente, como se haveria de dar combate às doutrinas errôneas se não havia sequer a possibilidade de conhecê-las? Mesmo de um ponto de vista meramente psicológico era impossível opor barreiras intransponíveis à invasão do aristotelismo.

Em 13 de Abril de 1231 Gregório IX renovou a interdição da doutrina de Aristóteles; entretanto, os termos do decreto papal deixam entrever os efeitos do tablado realizado desde os primeiros decretos pontifícios. A Física permanece proibida enquanto não houver sido examinada e expurgada. Dez dias depois o Papa criava uma comissão de que fazia parte, entre outros, Guilherme de Auxerre; incumbiu-a de proceder a uma revisão das obras de Aristóteles e à sua adaptação ao ensino. Não se sabe se esta medida produziu algum resultado positivo. Afinal de contas, o empreendimento era supérfluo, porquanto o Estagirita teria acabado por impor-se de qualquer forma. Com efeito, por este tempo os seus escritos sobre *Metafísica* e física vão penetrando por todos os lados e conquistando terreno. Quando em 1245 Inocêncio IV – por motivos não inteiramente esclarecidos – estendeu a proibição à Universidade de Tolosa, e Urbano IV a renovou em 1263, estes decretos chegaram tarde e ficaram, sem efeito. A crítica e a revisão das obras aristotélicas, exigidas em 1231, estava em pleno andamento. Dispunha-se já de traduções melhoradas, e – o que é mais – os melhores mestres comentavam, interpretavam e assimilavam a doutrina do mestre helênico. E assim sucedeu que em 1366 a Santa Sé impusesse aos candidatos ao licenciado de Artes a obrigação de ler aqueles mesmos escritos aristotélicos tão longamente interditados pela própria autoridade papal.

A história da filosofia cristã dos séculos XIII e XIV é essencialmente um debate vivo e intenso em torno das várias formas da filosofia aristotélica. De início predominam, ainda, certos elementos neoplatônicos; paulatinamente, porém, estes elementos vão cedendo terreno, sem contudo desaparecer completamente. Várias sínteses

emergem do vigoroso processo de fermentação que inicia. Na Segunda metade do século XIII observa-se uma nítida delimitação de fronteiras. S. Alberto, S. Boaventura e, mais tarde, Henrique de Gand representam o ponto culminante de uma corrente predominantemente neoplatonizante, e por esta razão mais próximas de Agostinho. A síntese levada a termo S. Tomás tende a assimilar o mais fielmente possível o aristotelismo puro. Em Deus Escoto manifesta-se uma tendência intermédia. Com ele inicia-se também a crítica. Começa o período de seleção e discriminação, o qual irá culminar na obra de Guilherme Ockham. Em Mestre Eckhart, finalmente, as tendências místicas do neoplatonismo recebem sua expressão clássica.

## CRONOLOGIA

- 387 a.C.** – Platão funda a Academia em Atenas.
- 384 a.C.** – Nasce Aristóteles em Estagira, na Calcídia, região dependente da Macedônia.
- 367/366 a.C.** – Aristóteles chega a Atenas e ingressa na Academia Platônica.
- 359 a.C.** – Filipe inicia seu governo na Macedônia e, logo em seguida, invade a Grécia.
- 356 a.C.** – Em Pela, capital da Macedônia, nasce Alexandre, filho de Filipe.
- 347 a.C.** - Morte de Platão. Aristóteles deixa Atenas.
- 347/344 a.C.** – Aristóteles permanece em Assos, na corte do tirano Hérmiias, ex-integrante da Academia.
- 344 a.C.** – Hérmiias é assassinado. Aristóteles deixa Assos.
- 344/343 a.C.** – Permanência em Mitilene.
- 343 a.C.** – A chamado de Filipe, Aristóteles vai para Pela e torna-se preceptor do jovem Alexandre.
- 338 a.C.** – Os macedônios derrotam os gregos em Queroneia.
- 336 a.C.** – Filipe é assassinado e Alexandre ascende ao trono da Macedônia.
- 335 a.C.** – Aristóteles retorna a Atenas, onde funda o liceu.
- 334 a.C.** – Alexandre desembarca na Ásia Menor.
- 333 a.C.** – Alexandre vence em Isso, na Cilícia, e entra na Fenícia.
- 332 a.C.** – Alexandre cerca e conquista Tiro, depois o Egito.
- 326/325 a.C.** – Incursão de Alexandre até as margens do Indo.
- 323 a.C.** – Alexandre morre na Babilônia.
- 322 a.C.** - Aristóteles morre em Cálcis, na Eubéia, ilha do mar Egeu.

**BIBLIOGRAFIA**

BOEHNER, Philotheus, Gilson, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as origens até Nicolau de Cusa.** 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 1991, 359-375p.

OS PENSADORES. **Aristóteles.** São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996, 320p.

PADOVANI, Umberto, CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia.** 17º ed., São Paulo: Melhoramentos, 1995. 123-133, 572-575p.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média.** 6ª ed., São Paulo: Paulus, 1990, 173-177; 203-209p.

STRATHERN, Paul. **Aristóteles em 90 minutos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, 65p.

## CONCLUSÃO

Aristóteles é atualmente o filósofo antigo mais respeitado e admirado pelos contemporâneos, suas idéias principalmente a respeito da ética se tornam em nossos dias idéias bastante atuais.

Considerado o maior pensador grego, Aristóteles foi um dos mais debatidos filósofos de todos os tempos, dentre os críticos mais ferozes do pensamento aristotélico a igreja católica teve o comportamento mais interessante. Primeiro, a igreja chegou a proibir os escritos de Aristóteles, posteriormente após reconhecer paulatinamente Aristóteles a igreja passou a adotar a filosofia aristotélica principalmente no que se refere a ética, pois a ética de Aristóteles é semelhante a ética de Jesus Cristo.

Por tantas contradições e ao mesmo tempo por Ter concebido um pensamento transcendental ao seu tempo Aristóteles é um dos filósofos mais admirado e comentado de todos os tempos.